

QUINTA-FEIRA
Lisboa--26 de Julho--1928

5 TOSTO

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

114



6-Avença Sr.
Ex.º de Alvarenga
Kol de Rua

sempre fivê



semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A FALTA DE AGUA

PESSOAS A QUEM A AGUA
FAZ MUITA FALTA:



AGVARELISTAS

TERÃO
DE PINTAR
COM AGVA DE CARABAÑA

PESSOAS A QUEM A AGVA NÃO FAZ FALTA NENHUMA:!



BEBADOS

PORCALHÕES



TABERNEIROS

LÁ SE VAI
O NEGOCIO DE
VINHO POR
AGVA ABAIXO!

VINHO
DE
TORRES



40°
A
SOMBRA

HIDROPICOS

- NÃO ME ESCOTE O
SIFÃO, PORQUE TENHO DE
ABASTECER O PREDIO TODO



PADRES

NÃO PODERÃO DAR
BANHOS DE IGREJA



BOMBEIROS



HIDROCEFALOS

DEPÓSITO
DA
OTA

OTA, OTA,
QUE ESTA
JÁ ESTÁ.....

F. Valença



Os ditos da semana



O tempo fóra dos eixos Já era tempo do tempo ter juízo. O tempo que é velho como o mundo, tem o pensar de uma creança de mama. Ninguém o entende. Agora temos um tempo de assar ovos ao sol, talvez para compensar o tempo de fóra de tempo que tivemos na primavera.

Ainda na semana passada nos queixávamos da onda de calor, na enganadora ilusão de que o tempo tivesse vergonha e refrescasse, mas o maganão é como os meninos malcreados e teimosos: Teima, teima, queima e requeima.

O calor tem sido tanto que até explosões tem provocado, sim, porque ha coisas que não se fazem a frio.

E sente a gente os miolos a arder. Assa-se. Fica-se em torresmos.

E as desgraças que isto provoca, além dos fogos...

A um amigo nosso já a namorada o deixou por causa do calor. Dum momento para

outro, sem motivo algum que se visse mandou-o passear, deu-lhe com a tampa, como se costuma dizer em linguagem amoruda. O pobre rapaz que estava quente, ficou sobre brazas e começou a suar em bica, mas, ao contrario do que seria para desejar, a bica só deitava agua morna.

Conforme poude, arrastou-se até casa da ingrata, a pedir explicações:

— Que quer isto dizer, Miquelina? Porque me deixas? Já não me bastava andar aqui assado com este calor de morrer e ainda por cima me dás um desgosto destes.

— Pois é por isso mesmo. Gostava de ti mais mal passado.

Horriovel agradecimento

Recortamos dum jornal este agradecimento, a que não falta nada para ser digno do humorismo do *Sempre Fixe*, omitindo apenas o nome do medico illustre a quem é dirigido, e que não tem culpa

de que lhe façam uma partida destas.

Homenagem ao mérito do Ex.^{mo} Sr. Dr....

Se as lauríferas musas parnasianas, que de Jove consagraram o sábio engenho, descessem do Monte Pindo a observar o que de notavel se passa entre os mortais, decerto se curvariam ante esse grande luminar da sciencia, aureolando-lhe a fronte com os seus diademas refulgentes. Caliope cantaria em verso heroico os feitos gloriosos desse benemerito; Clio faria inscrever o seu nome nas paginas de ouro da historia humana; Melpomene, Talia, Polynnia, Urania, Euterpe, Terpsychore e Erato conduzi-lo-iam ao vértice da celebridade eterna!

E' porque o talento e a virtude, o amor e abnegação, levaram esse apostolo da sciencia medico-cirurgica ao maximo culto pelo seu sacerdocio; e a Tuba da Fama, fazendo ecoar o seu nome por toda a superficie da terra, aponta-o ás turbas espectantes como

super-homem dos templos bíblicos ou como ástro luminoso do moderno horisonte da humanidade!

Eu, porem, que não possuo a inspiração das filhas de Jove, nem a loquacidade da filha de Titan, limito-me a registar nos anaes da imprensa a minha profunda admiração e o meu infinito reconhecimento para com esse valoroso missionario do Bem, que foi ao mesmo tempo o salvador da minha existencia, prestes a desaparecer ao abismo da morte, se não fosse a grande operação que fez á minha garganta, quando internado no hospital de Santa-Marta, e bem como a todos os apóstolos assistentes, que tão carinhosamente me trataram.

E assim, reabilitada a vida, restituído o ser ao convívio do lar, ao affecto da mulher e dos filhos, eu consigno aqui, envolto nas benções da minha alma, o nome daquele a quem devo a alegria do presente e a felicidade do futuro.

(Segue-se a assignatura)



— Essa casita tambem pertence?

— Não minha senhora, já está alugada a um casal que veiu do Castelo...

GRAÇA ALHEIA

ONDAS LAMBEDORAS

Ora leiam vocencias este artigo de um jornal da provincia, feito com tanto sentimento, que o Sempre Fixe, gustosamente, o transcreve:

De vento em pópa, balouçando-se nas salinas aguas do Atlantico, lá vai a caminho do Brasil o nosso velho Amigo e Director da Gazeta, sr. F...

Enormes bandos de gaiotas adejarão por cima do navio que o leva, como lenços brancos a acenarem-lhe num adeus, as ondas rendadas de espuma lambendo langorosas as ilhargas do barco, irão saudá-lo naquele murmúrio eterno e doce, e as nereides agarradas ao casco da ré, o colo nù, eburneo, a emergir gracioso das verdes aguas, seguiu-o hão cantando baladas de misterio...

Pé em terra. Ei-lo já cercado de mulatas e pretas a disputá-lo com frenesi, a puxar-lhe pelas abas do casaco, deixando-o, por fim, na barafunda da refrega, em sérios apuros...

Desempenado e chic, sadio, alegre, bem falante, como se estivesse nos 20 anos, decerto ele ha de ser cubiçado pelas dengosas e lindas sinhás, a derreterem-se ao fogo da sua graça tanta... mais que ao calor tropical daquelas terras de maravilha.

Saiu barra fóra, no dia 2 do corrente, com demora de três meses, a tratar de altos negocios, sendo de crêr que seja bem sucedido, pela sua habilidade e diplomacia.

Alma de poeta que sonha e sabe sentir a Natureza, a graça duma flôr, um lindo pôr de sol, a beleza da mulher, tudó o que o rodeia, transmitindo ao papel as suas impressões com relevo ou sentimento, graça e fidelidade, esperamos que ele nos mande varias cronicas da viagem e do Brasil, naquele estilo fluente e vibrante que seduz e empolga.

Na estação do Caminho de Ferro desta vila teve uma despedida muito affectuosa da parte de grande numero de pessoas de todas as categorias, indo bastantes amigos com ele até a Pampilhosa e acompanhando-o até Lisboa o sr. F...

Que não se perca lá pelos sertões inóspitos em qualquer caçada ás feras, ou que não seja, de surpresa, enrolado nas serpes... dos braços de alguma brasileira ou peruviana...

Faz muita falta nesta terra, onde conta inumeros amigos, e por isso que volte, mas volte depressa. Boa viagem e muita sorte!

... as ondas lambendo langorosas as ilhargas do barco, e as nereides agarradas ao casco da ré...

Ora hão de concordar vocencias que isto ficava muito bonito com acompanhamento á guitarra em dô maior.



1.º - Como se vê a nota que se pede emprestada. 2.º - Como a vê quem a empresta. 3.º - Como nós vemos o guarda-chuva que levamos quando faz bom tempo. 4.º - E o que se leva quando chove a cantaros. 5.º - O peixe quando morde. 6.º - O peixe quando chega á nossa mão. 7.º - O copo de licór que nos permitem os nossos melos. 8.º - O mesmo copo de oleo de ricino quando a gente tem de purgar-se.

HUMORISMO DO BOM

Wenceslao OS DUELOS

Os jornalistas italianos pensam bater-se, por equipes, com todos os detractores da honra do explorador Nobile. Respeito o gesto dos meus illustres colegas — gesto que os redactores de O Diario de Lisboa não temem, dada a sua condição de bons discipulos de mestre Veiga Ventura — mas entendi consultar Wenceslao Fernandez Florez, o meu Wenceslao, que expõe um edificante lance de honra que merece ser meditado:

«Eu ouvi—escreve Wenceslao—contar o episodio dum encontro entre dois homens verdadeiramente decididos a matarem-se. Rejeitaram as pistolas de desafio, receosos de que a piedade dos padrinhos tivesse diminuído os perigos, diminuindo a carga, ou utilizando armas quasi inuteis, e decidiram bater-se, levando cada um dois revólveres de seis tiros, que deviam ser disparados alternativamente, até que um dos adversarios caisse. Foram para uma planicie solitaria, com quatro padrinhos, dois medicos e um juiz de campo. Apearam-se dos trens, subiram as golas dos casacos e esperaram a ordem de fazer fogo.

Aguardaram meio segundo apenas. A ira cegava-os e desejavam ardentemente dar começo á luta. Assim, antes que o juiz de campo os tivesse autorizado, pareceu a um dos duelistas que o outro tinha feito um gesto de desprezo. Sentiu que o sangue lhe subia á cabeça, levantou o revólver e disparou.

Não esperou por mais o outro, que, por sua vez, se irritou. Eram verdadeiramente dois temperamentos sanguineos, pouco habituados ás praticas em uso no terreno da honra e com o firme proposito de se matarem.

Ao soar o primeiro tiro, houve entre os cavalheiros que acompanhavam os adversarios um momento de perplexidade. Os medicos estavam de cócoras sobre as ambulancias e de cócoras e boca aberta ficaram. As testemunhas fizeram esse brusco movimento que consiste em encolher os ombros e fechar os olhos, movimento que se executa quando inesperadamente estala um foguete ou começa a andar uma motocicleta. Ao segundo tiro, girou uma testemunha sobre os calcanhares, agitou as mãos e caiu no chão. Era cadaver.

Todos se puzeram a gritar. Mas os combatentes nada ouviam e nada viam. O odio cegava-os. Continuaram fazendo estalar as capsulas dos seus revólveres. Um segundo padrinho que avançou para eles para pôr fim áquele duelo fóra das normas, levou de repente a mão ao peito, disse que nunca tinha visto uma coisa assim e caiu com o coração furado. Era um digno cavalheiro que tinha sido testemunha de cem duelos. A sua morte impressionou profundamente todos os espectadores. Os medicos, levantando-se, trocaram um rapido olhar com os pa-

drinhos e iniciaram todos uma fuga desesperada.

Mas não puderam chegar muito longe. As balas dos duelistas foram-nos alcançando sucessivamente. Os cocheiros, de pé nas almofadas, assistiam, de longe, áquele estranho espectáculo.

Um projectil feriu levemente um cavallo; o animal relinchou, encabritou-se e foi-se. Só o juiz de campo, velho militar curtido nas batalhas e que nada temia, se mantinha no seu posto, ainda vivo e esgrimindo a bengala no espaço, ao tempo a que gritava aos combatentes:

— Alto! Alto! Isto é uma monstruosidade! Estão desclassificados. Isto não é proprio de pessoas decentes!

E pouco depois: — Basta, senhores, já ha victimas! Já mataram o digno senhor Lopes! Basta! Agora marchou o senhor Mendes! Basta! Sou o juiz de campo!

Terminou por suplicar: — Não disparem mais! A honra está salva. Juro! Cesse o fogo! Sou o ultimo sobrevivente! Tenham dô do dr. Gonçalves, que está dando o ultimo suspiro!

Por ultimo, recebeu uma bala num pé. Largou a bengala e fugiu a pé coxinho.

Quando se acabaram as balas, ambos os duelistas se detiveram, olhando em redor. O juiz de campo já estava longe. No horizonte apenas se viam nuvens de pó. Eram os trens que fugiam a todo o galope dos assustados cavalos.

— Parece — disse um dos adversarios, sombriamente — que nos deixaram sós.

— Assim parece — disse o outro, não menos sombrio.

— Não nos podemos continuar batendo. Regressemos á cidade.

E regressaram. Ainda não tinham dado dez passos, já topavam com o cadaver dum padrinho.

— E' o pobre Lopes!

— Efectivamente, é o pobre Lopes! Contemplaram-no um instante.

— Que horrivel coisa é a morte! — exclamou um deles.

— Oh! que horrivel! — murmurou o outro.

Olharam-se, estenderam os braços e abraçaram-se efusivamente.

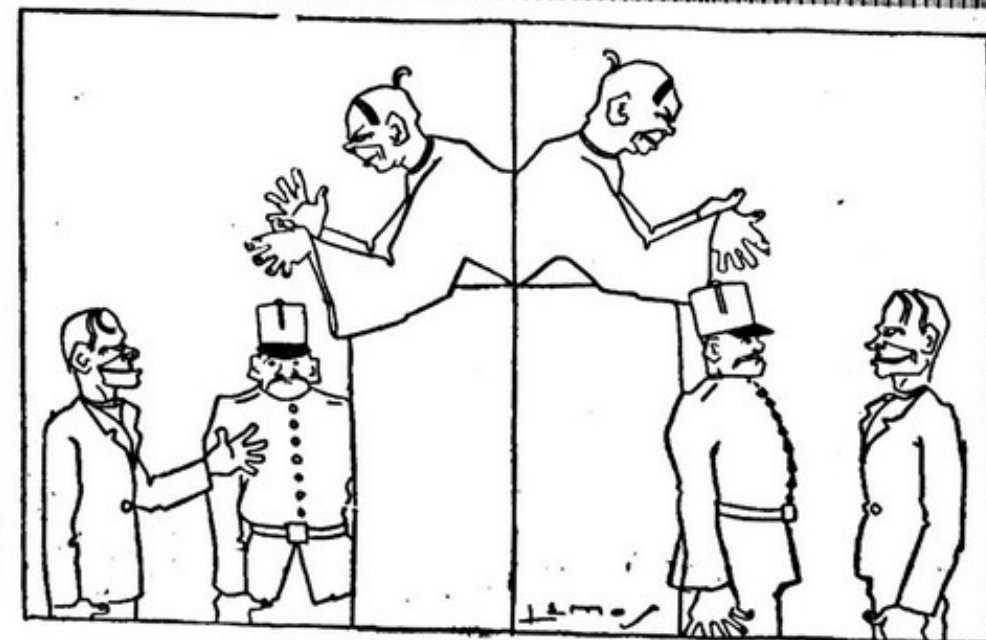
— Se lhe parece, desde hoje ficamos nos tratando por tu.

E ficaram!

Como os senhores estão vendo pela edificante leitura deste lance de que Wenceslao nos dá noticia, podem-se considerar condenados os duelos á pistola.

Resta o encontro á espada e para este caso sempre, quem nos procure, encontrará adversarios tão capazes e decididos como os das equipes de esgrima da «Sala» do Diario de Lisboa. Que conste em Roma!

Perez la chaise.



— O que faz o senhor?... — Faça o que faz o peixe...

— Então, o que faz o peixe?... — Nada!

A espada de Damocles

A orgia estava no seu auge. Damocles, introduzido pelos famulos, avançou modestamente, cumprimentou o rei e sentou-se no lugar que lhe indicaram.

Antes, porém, de se sentar, colocou no chão, ao lado dele, um embrulho, para o qual os policias, dissimulados entre os convivas, olharam de revez.

Principiou a refeição.

Apresentaram a Damocles miolos de mósca e cóxas de baratas; azas de morcôgos, ovos de formigas e moelas de casoar.

Deram-lhe a beber: champagne centenário, vinho de palma guardado em ôdres de pele de camelos mortos ao nascer, e vinagre em que haviam dissolvido perolas e deitado pó de diamante.

As bailarinas da cõrte executavam danças afrodisiacas.

Uma luxuriosa corteza espreguiçava-se, pondo em evidencia os seios tumidos.

Na ocasião em que Damocles piscava o olho áquela tentadora cachopa, o tirano Dionisio bateu-lhe levemente no ombro e apontou-lhe com um dedo para o tecto.

Damocles olhou e, vendo uma espada nua, suspensa do tecto, sobre a sua cabeça, apenas por um fio, encolheu os ombros e debruçou-se para o embrulho que collocara junto de si.

Abriu-o, tirou de lá um capacete de bombeiro e enterrou-o na cabeça!

Em seguida, pediu que lhe trouxessem o assado.

E o tirano Dionisio ficou de boca aberta e com cara d'asno.

... .. Foi assim que a historia se passou.

Diabo Azul.

As artes do jogador

(Scena muda)





O roubo do relógio

Policarpo leu nesse dia, no *Diário de Notícias*, na sua casa da provincia, com uma curiosidade mais aguda, com um ar mais sizudo, as provas cada vez mais flagrantes de que uma quadrilha de gatunos, de assombroadamente, atacava as pessoas na rua. Era uma verdadeira loucura aventurar-se alguém, a noite, por essas avenidas acima, com os candieiros apagados, com uma vegetação duvidosa e propicia, em tudo comparavel ao Pinhal de Azambuja, de má memoria.

Policarpo pôs o jornal de lado, o unico que o desentastava na aldeia, e começou a pensar nos mil e um perigos a que se exporia na sua proxima estada em Lisboa, com tantas ladrocinhas, crimes e assaltos.

Partiu acompanhado pela mulher, cheio de receios, para Lisboa, e nas carruagens, nas gares, imaginava sempre ver o fatal aviso da sua imaginação exaltada: «Cuidado com os ladrões!»

Já estava ha oito dias em Lisboa e nada lhe sucedera. Certa noite, porém, subindo a Avenida, para recolher a casa, um homem de aspecto miseravel dirigiu-se-lhe e pediu-lhe lume. Policarpo deu-lh'o, e continuou andando. De repente, uma suspeita assaltou-o. Aquele homem que lhe pedira lume podia ser um ladrão. E com gestos nervosos começou a revistar-se, a fim de ver se alguma coisa lhe faltava. Faltava-lhe o relógio. E, rapidamente, correu atraz do homem, que caminhava pacificamente.

Policarpo, apontando-lhe o revólver, disse-lhe:

— Dê cá o relógio!

O homem olhou-o perplexo. Tirou do bolso do colete o relógio, entregou-lh'o e deitou a fugir.

Policarpo meteu o relógio no bolso, deu uma volta sobre os calcanhares e encaminhou-se para casa. Chegado a casa, contou á mulher a sua façanha. Assombreada com o que ouvia, retorquiu-lhe ela:

— Mas como pode isso ser, se tu deixaste o relógio em casa.

Atônito, Policarpo tirou o relógio da algibeira e verificou que aquele não era o seu, exclamando:

— Oh! c'os diabos, fui eu que roubei o ladrão!...



O que acaba de fazer o seguro — De maneira que se me arder a casa desde hoje até cinco anos?

O agente — Cobra o senhor toda a importancia da apolice: cinco mil marcos.

O que acaba de fazer o seguro — E se esta noite se declarasse o incendio?...

O agente — O mais provavel era ir o senhor para a cadeia.

Um julgamento sensacional

Foi ha dias julgado um homem que, no Porto, matou o amante da mulher.

O caso não é nada humorístico, mas o mesmo se não pode dizer do julgamento.

Já, nos antecedentes do crime, o *Comercio do Porto*, de domingo ultimo, nos conta o seguinte:

«Mas ultimamente as suspeitas do Pina avolumaram-se a ponto de exigir que a mulher fôsse sujeita a um exame medico, a fim de verificar se as crianças que tinha perfilhado eram de facto seus filhos.»

Ora isto já não é nada mau. Mas a mulher, no seu depoimento, ainda acrescentou:

«A declarante, envergonhada, e com receio de que fôsse descoberto o seu mau acto, confessou que ha cerca de oito anos, quando esteve em Castelo Melhor, o Joaquim Peixeiro, apaixonando-a só numa casa onde fôra fazer um trabalho de costura, obrigara-a a ter com ele relações.

Como o facto já se passara ha muito tempo, estava certa de que o marido a desculpará.»

Pois o que imaginam V. Ex.^{as} que o advogado da accusação particular disse, iniciando a sua oração, neste caso de adulterio?

«Tem a certeza que o escuta, nesta hora solene, um grande publico. Não é aquele publico apaixonado e quente que fica além dos tribunais civis. É o publico circumspecto que aguarda com serenidade o desfecho desta causa.

E a seguir o orador faz uma evocação dos grandes navegadores como Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Afonso de Albuquerque e mais

recentemente Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Nos membros do tribunal vê substanciadas as altas qualidades desses grandes vultos.»

Como os leitores poderão não acreditar, o *Sempre Fixe* jura que não está fazendo blague e roga aos incredulos que comprem o *Comercio do Porto* de 20 ultimo. (O reclame é gratuito). Porque o advogado de defeza do marido não se deixou ficar por baixo nesta pugna gloriosa e aproximadamente historica. Eis um trecho do seu discurso:

«Referindo-se ao discurso do seu colega da accusação, disse que ele, na sua linguagem de otro, trouxe ao tribunal as sombras dos gloriosos antepassados que, sulcando os mares, fizeram a gloria de Portugal.

Sente não poder com o mesmo brilho esmaltar com brilho de rubis os feitos gloriosos desses heróis da Armada e poder cantar as excelsas virtudes do nosso exercito que lá de cima de Guimarães até ao Algarve souberam ser grandes e heróis.

Veem depois referencias ao Infante de Sagres, figura alabastrina da nossa Patria, a Afonso de Albuquerque, e diz que os membros deste tribunal, como aqueles vultos, saberão fazer justiça ao caso que se está julgando.»

A Historia não nos elucida sobre o que teria feito o Infante D. Henrique como jurado no julgamento dum homem que matasse o amante da mulher.

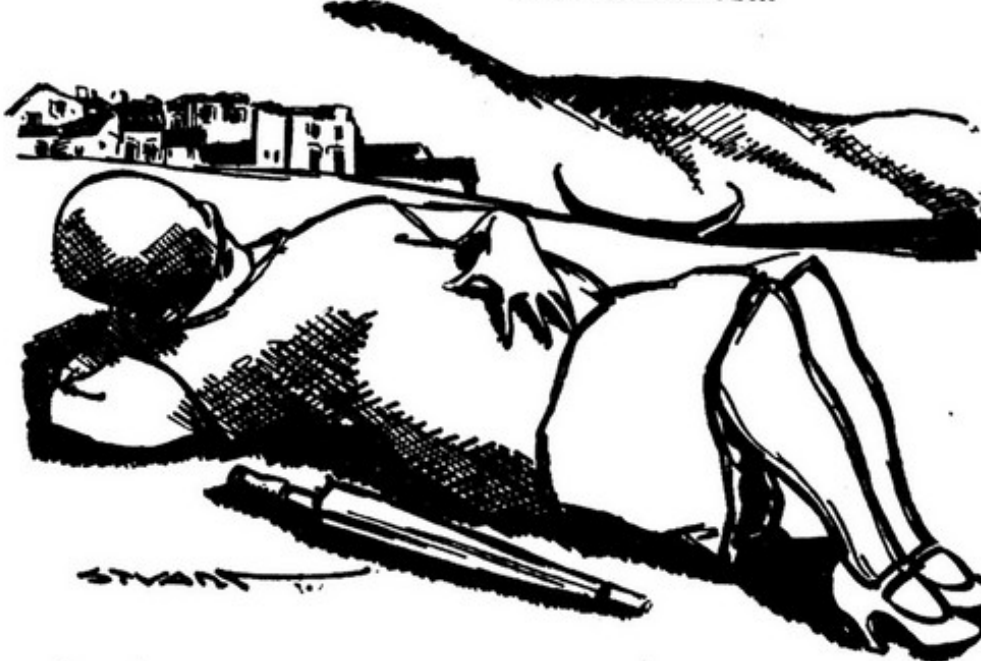
De Afonso de Albuquerque supomos que diria:

«— Mal com a mulher por causa do amante; mal com o amante por causa da mulher!»

O CALOR



No Parque Eduardo VII —
O 33 á sombra.



Na Trafaria — O 42 ao sol.

A falta de agua

Resposta a "Dosafer"

'Stive a semana passada c'a garôta e a mulher Ausente da Lisboa amada, Por isso do «Dosafer» Eu não li a versalhada,

Foi-se a semana á viola Sem do *Fixe* o bom humor E isto me desconsola, Pois já me basta o calor P'ra me dar cabo da «tolan»

Mas hoje, segunda-feira, Bem contente 'stou em casa Mais a minha companheira, — A reclamação fez vasa, Já pinga agua a torneira,

Não é muita, vamos lá, Mas chega p'r'ós animais, Para o café e p'r'ó chá E p'ra muitas coisas mais... Que não me occorrem já.

Tenho um gato e um cãozinho — O «Vicente» e o «Lulu» — E um papagaio loirinho Que já me trata por tu E é muito meu amiguinho.

Assim que desponta o dia, Que barulho, que inferneira, Palra o loiro, o gato mia, Tudo saúda o Carlos Pereira E a sua Companhia.

Como a agua não é rara, Tudo em casa está saudavel, A pia está mais clara Já lavo o indispensavel... E a Mimi já lava a cara.

A minha «sopa», um amor, Andava palida, magrita, Agora já tem mais cor E mandou á fava o guita, P'ra pensar no contador.

Por a agua não faltar, Já aumentou mais um quilo A consorte do meu lar. E o meu netinho Dannilo Tambem 'stá a engordar.

Mas se agua agora tenho, Agradeço ao *Sempre Fixe*, Foi ele o meu bom empenho, E o meu amigo de Peniche, Olhe! Vá tomar banho...

Nunca mais gordo o vi E, como não me julgo peço, Em verso, digo-lhe aqui Que aprenda a andar em seco, Na barriga do Chabi.

O «Dosafer», afinal, Que provocou a intriga, Coitadinho, ficou mal. A Companhia é amiga De quem lhe dá capital.

A. Lourenço.



— Oh! Luz dos meus olhos! O incendio que me abraza o coração... — Pois então tem cuidado, porque acaba de chegar o bombeiro.

Elevador da Gloria

Desta ultima escapámos nós. Também foi rapida. Meteu todos os instrumentos. Dos mais graúdos aos mais pequeninhos. O concerto principiou, pontualmente, ás 9 da noite, meteu um intervalo ás 10,30, recommençou um quarto de hora depois, prolongando-se até de madrugada. Os executantes, embora a sinfonia fosse conhecida, conseguiram dar-lhe uma interpretação diferente, sendo muito apreciadas certas variações em ré maior, o que só prova o seu virtuosismo. Ha que confessar que a assistência já está habituada a estas audições, achando-as pouco originais. Os musicos são sempre os mesmos. O maestro é que muda. Desta vez a plateia aterrorizou-se com as partes, mas absteve-se de manifestações.

Ao outro dia, porém, ficou surpreendida com a leitura dos jornais. Certos criticos descreviam o concerto sem emitirem a sua opinião, naturalmente porque a não tinham. Houve, porém, uma que, em voz alta e circulante, demonstrou apreciáveis qualidades de romance dignas de Ponsou du Terrail. Não vale a pena para a pena. Vozes de burro não entram no céu, dizia S. Paulo, no tempo em que não havia caminhos de ferro nem as concomitantes chulipas.

Desta escapámos nós! Ainda bem dizia o leitoresinho, que esteve prudentemente metido debaixo da cama, por causa das duvidas. E fez bem. A cama, mesmo quando é habitada pela sopeira, tem as suas vantagens. Atenua os rumores. Defende o corpo de qualquer trabalho — e já agora é local escolhido, confortavel e comodo para se ouvirem as grandes peças musicais de Wagner. No entanto, devemos prevenir os leitores que, em certos casos, o melhor é cada um estar no seu sitio.

Nunca se sabe donde elas veem. Por aqui ou por ali, não trazem endereço. São anonimas, as infelizes! Teem uma particular embirração pelas janelas, mas isto compreende-se: como está muito calór, abrem-nas para o cidadão poder respirar á vontade. A's vezes sem custo. Fica-se estarecido e com o interior, deteriorado.

Mas que diabo: um homem é um homem e um gato é um gato. Dos fracos não reza a historia. O que pedimos, porém, é que o concerto não se repita. Já estamos desconcertados!...



— Desculpe, minha senhora. Enganhei-me na porta. Procurava a Agencia de Casamentos...

— E' o mesmo. Talvez eu lhe convenha.

BIOGRAFIAS...

De Tenor a multi-milionario!

O conhecidissimo tenor de fama mundial sr. Romão Gonçalves, que eu apenas conhecia de vista, foi-me ha dias apresentado na «Chic» e mostrou desejos de ver o seu nome em letras garrafais no *Sempre Fixe*. Eis em resumo o que tem sido a sua vida e quais os projectos que tem para v-

romesnia:
Romão Gonçalves, o conhecido tenor a atirar para *marítimo*, nasceu anafado e, assim que atingiu os doze meses de idade, deu logo o dó de peito com a mesma simplicidade com que uma creança de seis meses faz *chichi* nas fraldas. Foi crescendo e engordando, mas embora sem nenhuma queda para a gramatica, dedicou-se ao canto para meter num chinelo o grande Caruso. E conseguiu ver realizadas as suas ambições. Inventou um licór, cantou debaixo d'agua, fez *films* e, como neste meio de analfabetos (ele o diz!) não conseguisse brilhar, embarcou para o Brasil, no louvavel intuito de aterrorizar com a sua voz os pacificos brasileiros.

No referido pais, coadjuvado por uma grandissima lata e por apreciáveis dotes vocais, conseguiu arranjar uma fortuna que, segundo calculos que fez, era superior a seis mil contos de réis brasileiros. Seis mil contos!!!

O licór da sua invenção fez tal successo que rara era a noite em que os proprietarios dos estabelecimentos onde ele era vendido não requisitavam policia para meter na ordem a freguesia ansiosa de esgotar as garrafas!!

Voltou a Portugal, fez-se *boxeur*, fartou-se de apanhar pancada mas — caso extraordinario! — os seus dentes, cravejados com 105 brilhantes, ficaram intactos! E o caso explica-se: os dentes são da sua invenção! Meteu-se a empresario, reclamou-se bem como ao licór que um dia inventou e resultou disto tudo ter perdido a bagateia de quinhentos contos que, não sendo do vigario, nem por isso deixam de ter o mesmo valor...

Mas isto é uma quantia insignificante para um homem que acaba de

herdar uma fortuna tão fantastica que até parece um conto das «Mil e Uma Noites»!

Sim, presados leitores e leitoras! Romão Gonçalves é multi-milionario. Ele pediu-me para não pôr isto no jornal com recelo de que os amigos lhe fizessem pedidos de financiamentos, mas, como sou *inconfidencial*, conto tudo!

Saiu-lhe numa rifa de três vintens um pai que teve a felicidade de morrer sómente para lhe deixar, na cidade do Perú, 83 (oitenta e três!) minas de prata e ouro, quinze das quais estão sendo exploradas!! (*Palavra de honra que foi isto que me contou o grande tenor!*)

As sessenta e oito restantes ainda estão por explorar, devido á falta de braços no Perú...

A historia desta herança e do encontro do verdadeiro herdeiro, que é o Romão, por ser tragica e muito intima, não é descrita neste semanario, mas o grande tenor — uma das poucas glorias nacionais que possuímos — contá-la ha (e cantá-la ha!) brevemente em livreto e num dos nossos principais teatros, talvez o Teatro Alcoheteense.

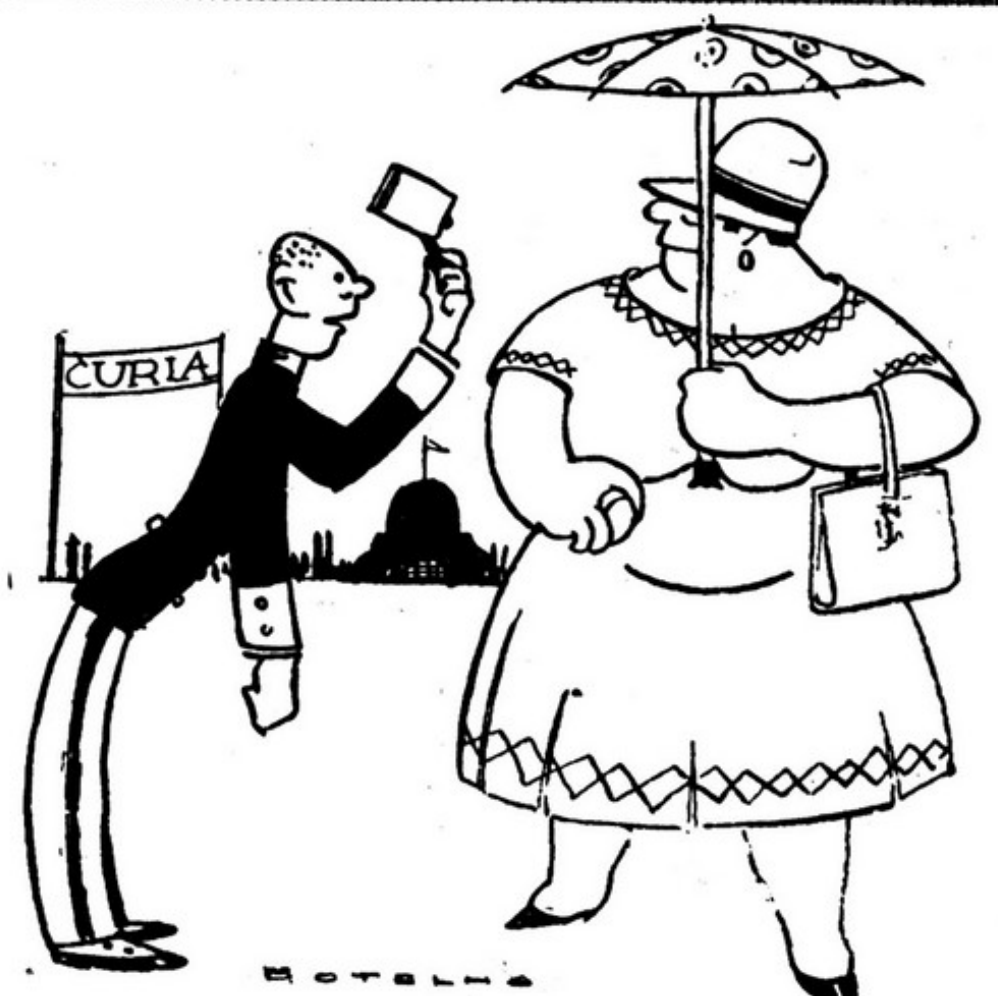
Romão Gonçalves, que apanhou ha pouco um enxerto do dr. Voronoff, tem um filho em cada nação por onde passou. E se os fez com abundancia, foi para resolver a crise da Natalidade, porque ele não é só um grande tenor, como tambem um grandissimo e alternadissimo... patriota!

O meu entrevistado parte brevemente para o Brasil, onde encontrará a Gloria que aqui lhe é negada, pois como ele muito bem disse, existem em Portugal 80 0/0 de analfabetos!

Em seguida seguirá para o Perú, onde tomará posse das oitenta e três minas de prata e ouro e aproveitará a oportunidade para explorar a mina do licór Romanini.

Em resumo: A vida de Romão Gonçalves, o cantor submarino, o *boxeur* temível e o cineasta entendido, tem sido e será até á consumação dos seculos uma grandissima mina!!

Reclix



— V. Ex.ª não vai á benção da capela e dos automoveis?

— Aos automoveis vou, mas á capela não posso ir. Fica-me muito apertada.

BOM HUMOR

O dramaturgo: — Estou convencido que os emprezarios se conjuraram contra mim?

O amigo: — Porquê?

O dramaturgo: — Porque dez deles me recusaram a minha ultima peça...

* * *

O ladrão elegante: — Perdão, senhor. Onde tem o dinheiro?

O incauto, que dorme, socegadamente, na cama: — Então o senhor acorda uma pessoa ás 3 horas da manhã para lhe pedir uma informação tão banal?...

* * *

Ela: — Com noventa e cinco anos. Como conseguiu chegar a essa idade?

O ancão: — Muito simplesmente. Porque no meu tempo não havia automoveis...

* * *

O ministro: — Em que jornal saem as sensacionais declarações que lhe acabo de fazer?

O novo reporter: — Em nenhum. Sou aluno da Escola dos Jornalistas e vim aqui para praticar...

* * *

Ela: — Depressa! Depressa! Deite-se á agua e salve aquele desgraçado!

Ele, primeiro actor duma companhia dramatica: — Calma, senhora. calma. Esperemos que pela terceira vez ele vá ao fundo. De contrario, a scena perderá todo o interesse...

* * *

O padre: — Não a posso casar. O seu noivo está embriagado? Quando ele estiver sereno, então sim.

A noiva: — Mas o que hei de eu fazer, se ele, quando está sereno, não se quer casar...

* * *

O viajante: — Qual é o melhor hotel da povoação?

O moço: — Uns preferem o hotel da Estação, outros o Sevilliano. Qual quer dos dois é indiferente, porque de noite o senhor acorda arrependido de não ter ficado no outro...

* * *

— Continuas entusiasmado com a aviação depois das desgraças que todos os dias sucedem?

— Tambem tu te deitas todas as noites, apesar de ser na cama que morre mais gente...

* * *

— O doutor receitou-me que me separasse do meu marido.

— Que doutor é esse?

— Um doutor em direito...

* * *

O juiz: — Onde vive o senhor?

O réu: — Não tenho domicilio.

O juiz: — Outrol... E o senhor onde vive?

O segundo réu: — No andar de cima...

* * *

Numa loja:

— O senhor garante-me que este casaco é todo de lã?

— Com toda a franqueza. Os botões são de ósso...

* * *

— Porque apagas a luz para tocar piano?

— Porque vou tocar um «nocturno»...



— Como se defende você dos microbios?

— Ora, primeiro, ferve a agua, depois filtra-a, depois esterilisa-a e depois... bebo vinho.

Um irmão da irmandade de Nossa Senhora de "Não te rales"

(Quadro á lá minute)

A scena e um trecho da Estrada dos Barbadiños. Placido desce a calçada com toda a sua placidez e Faustino Quelhas sobe apressadamente).

F. QUELHAS (estendendo o braço e dando a mão): — Oh! meu bizarro amigo!... Então, como tem passado?... PLACIDO (com muita calma): — Menos mal, obrigado... E o meu amigo?

F. QUELHAS: — Magnifico, magnifico... E agora reparo que você está mais gozdo...

PLACIDO: — Não é para admirar; felizmente, não me ralo, nem tencio-

F. QUELHAS: — Ha coisas que, embora não queiramos, não temos outro r medio senão ralarmo-nos...

PLACIDO: — Ora, meu amigo... E' uma questão de feitio. Olhe, não ha absolutamente nada que faça alterar a minha tranquilidade de espirito...

F. QUELHAS: — Isso diz o meu amigo...

PLACIDO: — Já lhe disse; absolutamente nada!

F. QUELHAS: — Imagine que a sua mulher morria...

PLACIDO: — Paciencia!...

F. QUELHAS: — Se isso lhe acontecesse, o senhor não responderia assim...

PLACIDO: — Dou-lhe a minha palavra de honra!...

F. QUELHAS: — Ora, adeus... E se a sua mulher o atraioçasse?...

PLACIDO: — Paciencia!...

F. QUELHAS: — O quê!... O senhor não se importava que a sua mulher lhe fosse infiel?!

PLACIDO (rindo bonachetronamente): — Já lhe disse que não...

F. QUELHAS: — Palavra d'honra?!

PLACIDO: — Palavra d'h'onra!...

F. QUELHAS (disfarçadamente): — Aonde é que o senhor mora!...

FÓRA DA TERRA

Uma noite passa-se bem...

Anastacio Barriga, sua esposa, D. Eufrasia, dois meúdos, uma criada, dois canários e um gato, vieram deabalada da capital, a passar o verão em Vale de Piteiras.

A casa é pequena, tósca, desconfortavel; no inverno serve de celeiro, palheiro e até de curral. A' porta, duas argolas de ferro, uma por cada banda, advertem o viandante que é ali um posto de segurança para quadrupedes.

Bem entendido que, no verão, a casa remoça, humaniza-se um pouco... E é então que a bicharada que a povoava livremente no inverno recolhe aos abrigos estrategicos, isto é, ao misterio dos buracos, das fendas, das frinchas e das telhas, á coca dos atrevidos invasores da sua propriedade.

Ora, após a instalação da familia, Anastacio Barriga, maravilhado com o seu chatei, escrevia a um amigo que fôsse mais a familia passar um dia a Vale de Piteiras, pois a agua, a fruta, o ar, tudo, enfim, ali era esplendido, um verdadeiro Eden, com mangerico e tudo. E se o convite foi feito com o aplauso da Barriga em particular, não menos exultaram em casa do amanuense Pinto Carneiro, porquanto mortinha por se espanejar no campo estava a familinha.

Num domingo, muito cedinho, o Carneiro pai, dois borrêgos, o Nini e o Todi, duas engraçadas crianças, a mulher, D. Serafina, a sogra, D. Barbara, e um cachorro da Pomerania entravam em bicha pela porta franca do felizardo Anastacio.

Grande alegria, exclamações, abraços, beijocas, tudo num á vontade familiar que enternecia, eis que um episodio veio quebrar a festiva recepção!

Foi o caso do gato do Barriga ter-se atirado com unhas e dentes ao luli da D. Barbara, logo que o bispo no regaço adiposo da velhota. Esta, apavorada e indignada com o inhospito acolhimento do felino, agarrou-se a uma das argolas da parede e não havia diabos que a convencessem a sair dali. Liquidada esta escaramuça, comeu-se, bebeu-se, meteu passeio ao campo, ás fontes e ao ribeiro, onde, por causa duma cobra (lagarto... lagarto...) a sogra Carneiro estatelou-se como um sapo; madame Barriga, cheia de contentamento, incitava os filhos a correrem como cabritos; os borregos do amanuense

Carneiro, muito engraçadinhos, beravam como filhos que eram do Carneiro, — enfim, uma grande reinação campestre!

A' volta meteu jantarada, com muito vinho e mosquedo, e, no melhor da festa, surge á porta um jumento indiscreto que, habituado como estava a fazer ali estagio no inverno, ferrou três fortes zurras que pôs os comensais em alvoroço.

Serenado o panico, não sem que houvesse caqueirada, lá terminou o banquete por entre esfusiantes aclamações, a que se associou a garotada ranhosa do lugar que assistia á porta, com o respectivo sequito de podengos.

Depois... a partida; porém, instados os Carneiros para que lá ficassem, pois «uma noite passa-se bem», e aceite o convite com uma algazarra infernal dos rapazes, a que o jumento se associou tambem, vá de mobilizar colchões, enxergões, mantas, toa-lhas, tudo numa balburdia dos demônios. Chegada a noite e tudo alojado comodamente, na altura de pregar olho é que foram elas! A bicharada toda, sob o comando unico dum percevejo aliado, saiu das trincheiras e ataca furiosamente os dormentes. A carnificina é geral; masquitas, moscas, aranhas, osgas, pulgas, percevejos, baratas, ratos e carochas, manobrando com sabia estrategia, breve dominam o inimigo, que se vê forçado a capitular em trajes menores...

Sol fóra. Manhã sanguinea com lalvos de esmeralda... Pela estrada caminha, estropeado, a rebanho dos Carneiros. Nem sequer olham para traz, para o pasto, para as fontes que cantam...

O Carneiro pai, nem môcho... A sogra, com um olho que nem um tram-bolho, pela mordedura dum mosquito anti-oftalmologico... D. Serafina traz o corpo que é uma desgraça, pois ficou com a Barriga ao léo, na cosinha, e ambas foram invadidas pelo pulguedo e pelas baratas; os borreguinhos Nini e Todi veem com as ventas esmurradas e o luli com o focinho arranhado e um olho deitado abaixo.

Finalmente: — uma retirada em boa ordem, se olharmos a que o dia decorreu splendidamente e «uma noite passa-se bem»...

Pig-Men

Confusão



— Tua filha andava ha bocado sozinha no pinhal com um papo seco!
— Tem juizo Alfredo, não era ela, era eu...

Vocabulario portuguez

DEFENINDO

ANIMATOGRARO. — Escola pratica de commercio... e industria, fabrica de namoros e deposito de pulgas.

BOX. — Tratamento especial massagístico aos varios apendices do homem, tais como: nariz, olhos, dentes, etc.

CAES. — Bichos que, mesmo calados, ha alguns que fazem um barulho infernal.

CABELOS. — Uma coisa que nem toda a gente tem, salvo o sr. Vitor Manoel, que tem para dar e vender.

CARTAZ. — Papel comprido em côres sortidas, que quasi só serve para sujar as paredes.

CAVALO. — Passaro de grandes dimensões que serve muitas vezes para ganhar taças d'ouro...

ELISA CARREIRA. — Uma atriz que forçosamente tinha que fazer carreira. O nosso clima... é belo.

GRAFONOLA. — Fabrica de algazarra em ponto pequeno.

INQUILINATO. — Uma coisa que dá bastante que fazer mesmo aos que não trabalham.

INSTRUÇÃO. — Uma coisa desnecessaria a quem tem que insultar alguem.

JANTARES. — Uma coisa que sabe sempre muito melhor quando não é pago pelo proprio.

JAZZ-BAND. — Coisa pratica para adormecer creanças de mama. Fabrica de algazarra por atacado.

MORANGOS. — Fruta aparatosa, que talvez por esquecimento nunca traz caroço.

PAPAGAIO. — Especie de passaro pintado de varias côres, que faz que fala mas não fala.

POMBOS. — Passaros de tamanho regular, muito pratico para temperar ervilhas.

PROFECIA. — Uma coisa que se inventou para dizer que o mundo acabaria no dia 29 dum mês que já acabou.

RIFA. — Coisa pratica para qualquer cidadão maior e vacinado se vê livre dum relógio... ou doutro qualquer objecto.

SEMANA. — Composição de meia duzia de dias, alguns dos quais até metem raiva.

UM INQUERITO. — Uma coisa com principio, mas sem fim...

Rulvo.



A Doce Resistencia
1830



La Douce Resistencia
1830



O que se diz e o que se não deve dizer

O Campeonato Nacional de Foot-ball

Escrever esta semana sobre o desporto em Portugal — constitui uma tarefa semelhante á de fazer sôpa de pedras...

O campeonato de *foot-bala* que costuma realizar-se quasi anualmente açambarcou as atenções do publico. Os *matches* regionais realizados em Setubal, Viseu, Entroncamento e Barreiro não tiveram interesse de maior...

Na *final*, em Lisboa, o grupo do Castelo apresentou-se muito desfalcado e o jogo teve uma solução rapida. O *team* campeão nacional ficou com o titulo, pela terceira vez.

* * *

Os representantes portugueses de Vela nos Jogos Olímpicos partiram para Amsterdam, num paquete.

Como todos os outros atletas teem seguido pelo *Sud-Express*, perguntamos um leitor se aquele modo de locomoção foi escolhido para os rapazes se habituarem a vêr agua...

* * *

Antes das eleições no *Automovel Club de Portugal*, havia quem anunciasse o aparecimento de sete ou oito listas. E mais se dizia não serem elas completamente diferentes, porque certos nomes simpaticos figurariam em todas...

Afinal, a lista unica que apareceu foi votada quasi de chapa. E, além

dos eleitos, apenas o sr. José Lino teve um voto.

Acontece que um dos directores escolhidos renunciou. O seu lugar deverá, pois, ser preenchido pelo nome mais votado. Neste caso, *mais votado* significa um voto unico. Mas ninguem se atreverá a dizer que o eleito não está no seu lugar pela escolha sobre-

rana das Assembleia Geral dos Socios do Automovel Club de Portugal...

* * *

Gene Tunney vai pôr em jogo o titulo de campeão do Mundo, contra Heeney.

Este Tunney tende a tornar-se no-

tavel pelas suas maneiras pouco habituais num campeão de sóco.

Tem a mania da literatura e da delicadeza.

Muito rico — horroriza-se com a publicação, nos jornais, do montante das suas *bolsas*.

Modestia ou pudor?

Ha quem prediga que Tunney acabará os seus dias como frade capucho.

O certo é que ele podia mandar imprimir bilhetes de visita, assim concebidos:

Eugène Tunney — Oficial de marinha, boxeur, gentleman, poeta, campeão do Mundo, virgem e martir.

* * *

Quando Lindbergh visitou a fabrica *Citroën*, o chefe da fabrica dirigiu-se aos operarios, dizendo: — Em Detroit monta-se um automovel em dez minutos. E' preciso *banzar* Lindbergh, montando aqui um carro em sete minutos e meio.

Tudo se fez. Os jornais contaram o caso.

Mas, tempo depois, alguém telefonava para a fabrica, a perguntar:

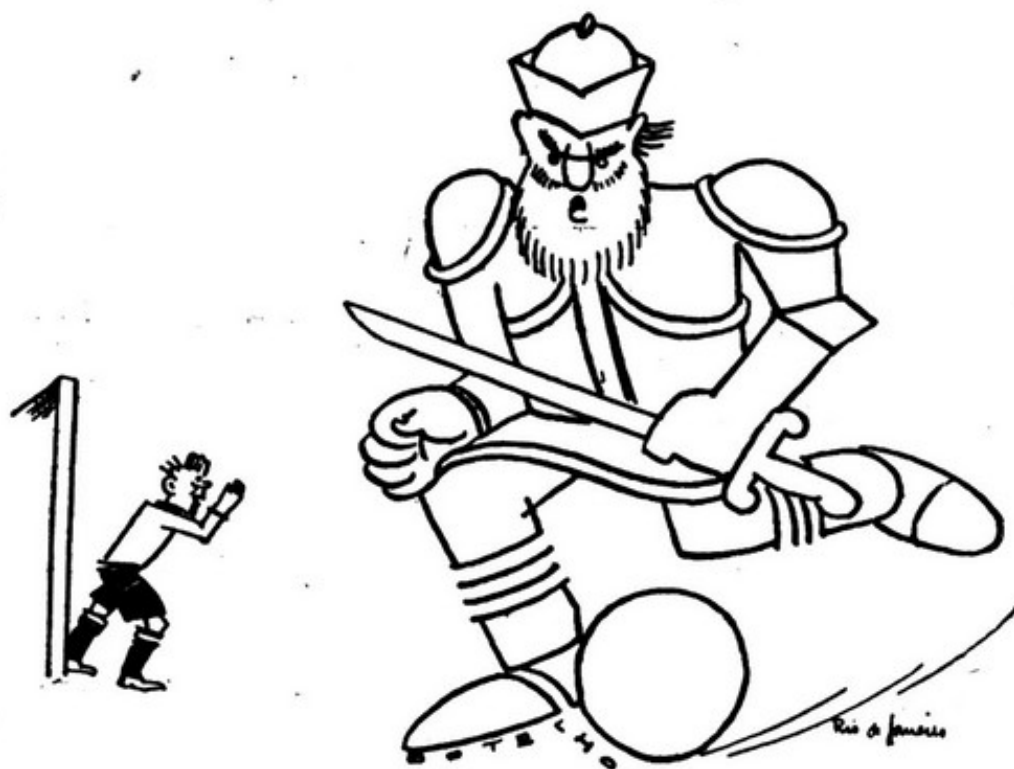
— «E' certo que ali foi montado um carro em sete minutos e meio?»

— Sim, senhor!

— «Pois então fui eu que o comprei, porque, levando-o para a estrada, tambem só funcionou durante sete minutos e meio...»

Rebola-A-Bola.

FOOT-BALL



Uma avançada do Vasco da Gama

Na aviação



— Então tu levas tua mulher naquele estado.
— E' que eia quer ser a mãe do primeiro ente que nasce no ar...

Na fotografia



— Esteja quietinha se quer vêr um pipi.
— Sim, sim, quero fazer pipi...

ECOS DA SEMANA

FOI UMA TOIRADA DE PAZ ENTRE
ENPREZARIO, ARTISTAS, E...
TOIROS QUE PARECIAM
CORDEIRINHOS



OS PINTORES AMERICANOS, EM SINTRA,
RECOLHEM IMPORTANTES APTAMENTOS
DE OBJECTOS ANTI-DILUVIANOS



-TALVEZ MUDANDO-LHE O NO-
ME PARA FA' SUSTENIDO O APA-
RELHO SUBA
ALGUMA COISA



TEM-SE DE MANDAR BENZER AS COSTAS
DE PORTUGAL, E MAIS ALGUMA COISA..

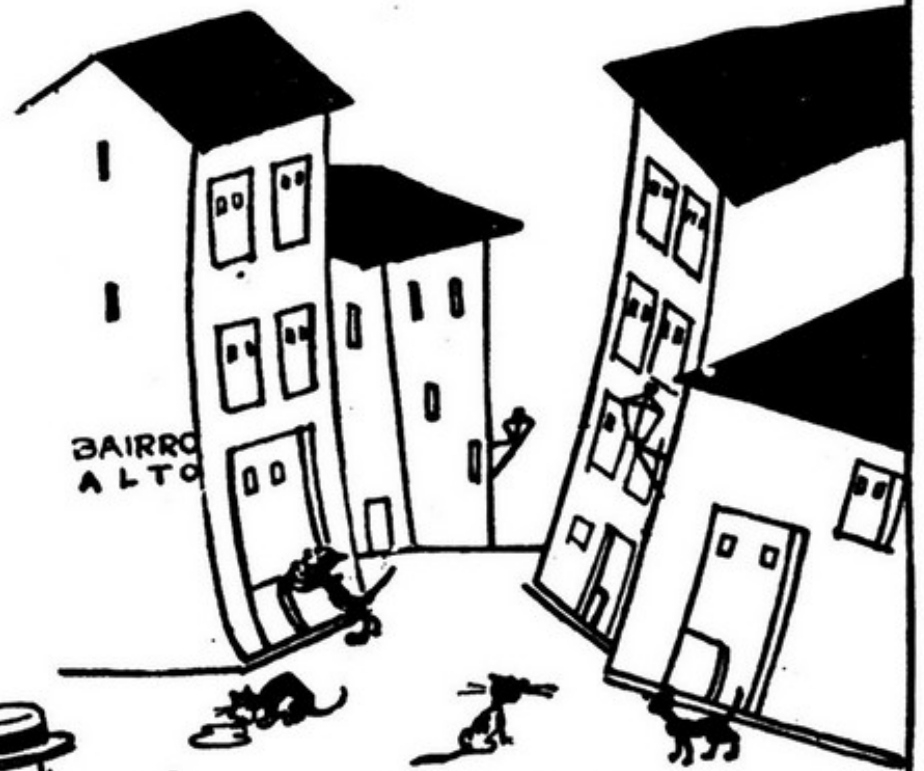


MUITO TEM SOFRIDO ESTE DESGRAÇADO



OFADO É TÃO FATALISTA
QUE OS MINISTROS, NO
"FERRO DE ENGOMAR" FICA-
RAM ARREPIADOS.

UM CHEFE DE
FAMILIA QUE
VERANEIA EM
CASCAIS OU SINTRA



O SNR FERREIRA DO AMARAL
ACABA COM OS EXTERIORES...
O QUE VAI SER DOS INTERIORES
DAS POBRES SEVERAS?



B O T E L H O